

A CASTRAÇÃO E O AMBIENTE HOSPITALAR MULTIDISCIPLINAR: UMA REFLEXÃO¹

CARLA CRISTINA DE OLIVEIRA

"A CASTRAÇÃO É UMA IDEIA, A PRIVAÇÃO É UM FATO" (NASIO, 2007).

Em psicanálise, o conceito de "castração" não corresponde à aceção habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, este termo designa uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos 4 ou 5 anos de idade para Freud. Para outros autores, como Melanie Klein ela inicia nos primeiros anos vida - 2 ou 3 anos de idade. O complexo de castração não se reduz a um simples momento cronológico na sexualidade infantil. Pelo contrário, a experiência inconsciente da castração é incessantemente renovada ao longo de toda a existência.

A mutilação do órgão genital masculino é apenas uma simbologia, pois a verdade é que, com ou sem pênis, somos todos castrados. Lacan refere – porque o outro é castrado, e porque não existe completude em nenhum lugar, porque temos início numa cena da qual estamos ausentes, e sobre a qual nada decidimos, e porque sem o outro não teríamos sobrevivido (Lara, 2010).

Somos todos castrados, homens e mulheres/meninos e meninas, porque somos regidos pelo que desconhecemos – o inconsciente. Um instinto que surge dotado de desejo que segue o objeto, por uma pulsão que se mistura e nos faz errar eternamente de objeto em objeto.

O complexo de castração, tal como o de Édipo, opera nas escolhas objetais até o fim da nossa existência. É através da fantasia inconsciente de castração que o complexo encontra a sua principal via para estruturar o sujeito.

O complexo do Édipo, no qual a cobiça pela mãe e o desejo de eliminar o pai - seu rival - desenvolvem-se naturalmente a partir da sua fase de sexualidade fálica. Mas a ameaça de castração obriga-o a abandonar essa posição, sobre a impressão do perigo que o menino tem em perder o pênis. Já para a menina, o complexo de Édipo é quase o contrário, o complexo de castração é ao invés de destruir - invejar ter um pênis. A menina é expulsa da ligação com a mãe e apressa-se a entrar na situação edipiana, desejando o pai. "Na

¹ Trabalho apresentado em Jornada de Psicanálise do CPRS de 6 de julho de 2013.

impossibilidade desta realização, o complexo de Édipo precisa ser abandonado, recalçado, destruído radicalmente no caso mais normal, e um supereu severo é instituído como seu herdeiro” (Nasio, 2007, p. 134/135).

Freud em “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924) relata a vinculação do Complexo de Castração e Complexo de Édipo de forma mais clara. Ele afirma que a masturbação da criança, motivo de ameaça de castração, é a descarga da excitação sexual relativa ao complexo de Édipo. A descoberta de que as mulheres não têm pênis põe fim as duas formas de satisfação frente ao complexo de Édipo: maneira masculina – tendo relações sexuais com a mãe, e que tem como consequência a castração, e, a maneira feminina assumindo o lugar da mãe no amor ao pai, que tem na castração sua pré-condição. A satisfação do amor edípico implica, necessariamente, na concretização de ameaça de castração: entre o investimento no objeto de amor edípico e o investimento narcísico no pênis, em geral, triunfa o segundo, e “o ego da criança volta as costas para o complexo de Édipo”. Portanto, na menina o complexo de Édipo é introduzido pelo Complexo da Castração enquanto no menino, é destruído pelo Complexo da Castração (1924 p. 221).

É através da fantasia inconsciente de castração que o complexo encontra a sua principal via para estruturar o sujeito. É no terror da angústia inconsciente de castração que habita a gênese das manifestações neuróticas. “Medos, fobias e sintomas diversos, que surgem no plano consciente, são apenas mecanismos de defesa contra a emergência desta angústia que nos é insuportável” (Lara, 2010).

Nasio (2007, p. 136) nos traz o complexo de Édipo como as causas para as neuroses, porque as fantasias edípicas mal recalçadas na infância reaparecem na idade adulta sob forma de sintomas neuróticos. Em outras palavras, a neurose de um adulto é explicada pela intensidade em que ele viveu seu prazer sexual de criança e pela violência ou labilidade com que recalçou.

Na fase adulta os surgimentos de diversos sintomas e os modos de enfrentamento de situações, das mais variadas origens, refletem a forma com que recalçamos o Complexo de Castração e o Complexo Édipo na infância, ou seja, como apresentamos hoje nossas neuroses.

A observação do comportamento humano fez com que estes e muitos outros pensadores chegassem a tais conclusões comportamentais de causa e efeito. Como observadora passiva e ativa, estudante primária em psicanálise, me atrevo a fazer um comparativo do comportamento humano, em um ambiente de trabalho - hospitalar multidisciplinar, com as relações de Castração e Complexo de Édipo, acima descritas, destacando as formas como elas aparecem neste espaço.

Parto de duas principais relações interpessoais: médicos, enfermeiras e enfermagem (auxiliares e técnicos de enfermagem). Primeiro quero caracterizá-las dentro de seus contextos históricos. Os médicos, categoria profissional formada em sua maioria por homens, tendo origem por Hipócrates (sexo masculino), na Idade Média. A cura das doenças deu-lhes poderes instituídos socialmente, somando a cultura patriarcal ocidental. A enfermagem, categoria profissional formada em sua maioria por mulheres, tendo origem por Florence Nightingale (sexo feminino), por volta de 1820, consagrou-se enquanto profissão na Guerra da Criméia (Inglaterra).

Hoje, nos padrões hospitalares atuais, as relações interpessoais entre essas profissões ainda permeiam em volta do reflexo do contexto histórico citado, das relações familiares e culturais vivenciadas por cada profissional. Ou seja, cada profissional trás consigo e para dentro do seu ambiente de trabalho, todas suas vivências, sua bagagem emocional e com ela – as neuroses originadas desde a infância - fase edípica.

É evidenciado, que estes profissionais vivenciam o ambiente hospitalar, como uma grande família, sendo distribuídos da seguinte forma os papéis: os médicos (papel do pai), a enfermeira (papel da mãe), a enfermagem-auxiliares e técnicos de enfermagem (papel dos filhos).

Assim distribuídos, percebemos nas relações interpessoais uma representação da fase edípica, ou seja, os momentos de vivências se alternam na relação de amor, desejo e castração. Destaco alguns exemplos:

- a enfermeira protege os auxiliares e técnicos em suas demandas profissionais e pessoais - ensinando e auxiliando-os nos momentos em que têm dificuldade ou necessidade de completar uma tarefa, demonstrando empatia com suas questões pessoais. Simboliza à mãe ajudando o bebê a caminhar, se alimentar, brincar e sendo desejada como cúmplice nas suas designações.

- a enfermeira que diz não aos auxiliares e técnicos, em alguma solicitação, como: um folga extra, um período de férias concorrido, uma troca fora das regras, uma saída antecipada, uma troca na escala de tarefas... Neste momento, é como se fosse a própria descoberta da ausência do falo, da imperfeição, da sensação de expulsar-se dessa relação e ligar-se ao outro – os médicos.

- os médicos por sua vez, necessitam do reconhecimento de sua posição e da execução da tarefa. Utilizam-se do complexo da castração, acima descrito pela negativa da enfermeira (representando na menina/mulher - a introdução do complexo da castração e no menino/homem destruição pelo complexo da castração), para sua relação de amparo e amor aos auxiliares e técnicos. "Este pai" tentará persuadir aos "filhos" de forma a realizar os

desejos, despertando-os para a realização deste, através do apoderamento social que lhe cabe: o poder institucional. Neste momento, a enfermagem volta-se para o "pai" e nega a "mãe".

- também os médicos, perfazem as relações com as enfermeiras de duas maneiras distintas, dependendo da necessidade de realização do seu desejo. Em alguns momentos a "mãe" realizando o desejo de ser "pai", dando-lhe o "filho" desejado, disponibilizando seus objetos de desejos – como por exemplo: o material necessário disponível, a sala cirúrgica preferida, o instrumentador preferido, entre outros. Neste aspecto de símbolo saceador de seus desejos, a enfermeira, também poderia ocupar o lugar de "mãe" deste "pai", e este se torna "filho".

Em outro momento, quando essa troca não acontece da maneira desejada, ou seja, o material não está pronto, a sala não está disponível, o instrumentador preferido encontra-se ausente, enfim, quando ocorre o corte, a castração do falo simbólico, ele percebe a imperfeição da relação. Não obstante, emerge e se misturam neste borbulhar de sentimentos, as questões socioculturais implícitas historicamente e hierarquicamente, tomando por completo esse "pai" que se apodera de um direito não cabível diante da "mãe" e por vezes diante dos "filhos", para realizar seu desejo.

Lacan, diz que o pai é peça fundamental no complexo edípico. Nasio relata que o pai é um significante, substituindo outro significante.

Em meio a uma velocidade e variedade de acontecimentos avassaladores dentro das instituições hospitalares, as relações interpessoais se misturam, se confundem e se desestruturam.

Diante de todo este contexto, como não pensar nas desorganizações psíquicas de uma ou de ambas as partes envolvidas neste processo, nestas relações interpessoais. Este ambiente hospitalar parece ser um possível desencadeante a aflorar os diversos sintomas das neuroses e da histeria também, por que não?

As colocações acima referidas revelam o processo civilizatório a atuar através da estrutura edípica, que impõe ao sujeito humano o recalque das suas pulsões, constituindo-o como sujeito, ou seja, na medida em que este sujeito se depara com a supressão da gratificação imediata e com a presença da Lei. Do ponto de vista da psicanálise para que se possa desejar é necessário que haja falta. Assim, pode-se afirmar que só há o desejo se houver castração (Lara, 2010).

Nasio (2007) refere que constituir-se sujeito desejante, na sua origem, através da ameaça da castração para o menino e da inveja do pênis para a menina é fincar os pés na

existência tendo-a marcada pelo trauma que recalca o desejo incestuoso do objeto para sempre perdido.

Portanto, o complexo de castração compõe, juntamente com o complexo de Édipo, a base onde a estrutura do desejo que funda e institui o sujeito na sua relação com o mundo opera a sua subjetividade. Reconhecer que os limites do corpo estão aquém dos seus desejos é admitir a quebra de um certo sentimento de onipotência que o eu insiste em sustentar, na relação imaginária com o outro.

Referências

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob direção geral Jayme Salomão - Rio de Janeiro: Imago, 1996 – reedição 2006.

LARA, L. M. **Sobre o Complexo de Castração na teoria Freudiana e (a posteriori) a Feminilidade em Freud: um elemento para repensar a teoria da castração.**

Disponível em:

http://www.sig.org.br/_files/uploads/image/sobreocomplexodecastraonateoriafreudianaeposterioriafeminilidadeemfreudumelementopararepensaraelaboraodacastro.pdf. Acessado em 02/07/2013.

NASIO, J. D. **Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=vBNnwB4cY8oC&pg=PA142&lpg=PA142&dq=Juan+David+Nasio+COMPLEXO+CASTRACAO&source=bl&ots=dKQlGFxg2J&sig=DWIE8660vJE_C55y4icc2GbqzOY&hl=pBR&sa=X&ei=IYfVUZCDPYLw8QSPyoGgDQ&ved=0CDcQ6AEwAg#v=onepage&q=Juan%20David%20Nasio%20COMPLEXO%20CASTRACAO&f=false. Acessado em 01/07/2013.